

A constituição do Sujeito-Mãe nos livros didáticos de matemática da Educação do Campo

The mother-subject constitution in mathematics textbooks for countryside education

Vanessa Franco Neto

Professora doutora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

vanfneto@gmail.com - <http://orcid.org/0000-0002-2129-8040>

Angela Maria Guida

Professora doutora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

angelaguida.ufms@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0002-8948-646X>

Recebido em 06 de junho de 2019

Aprovado em 28 de junho de 2020

Publicado em 25 de setembro de 2020

RESUMO

Este artigo descreve a constituição do que foi aqui denominado 'sujeito-mãe' a partir da análise de dez livros didáticos de matemática, produzidos para os anos iniciais de escolas do campo no Brasil. Esse material compõe duas coleções aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático Campo, o PNLD Campo. As teorizações foucaultianas acerca da análise do discurso amparam a descrição e análise de um conjunto de endereçamentos que incidem sobre um corpo como performance cultural do feminino. Os excertos, imagens, atividades e exercícios trazidos replicam práticas estilizadas que inscrevem o sujeito-mãe por meio de discursividades direcionadas a um corpo com marcas de gênero específicas: o feminino. Desse modo, os dados mostraram que o currículo de matemática materializa narrativas bem elaboradas que se valem dos conteúdos dessa disciplina escolar, a fim de replicar e constituir um conjunto de valores e moralidades, com substancial status de verdade, que acabam por orientar os modos de ser e agir desse corpo que se vê e é visto como feminino.

Palavras-chave: Sujeito-mãe; Livros Didáticos de Matemática; PNLD Campo.

ABSTRACT

This article describes the constitution of what was named as mother-subject from the analysis of ten mathematics textbooks produced to primary countryside schools in Brazil. This material composes two collections approved in the National Textbook Program, the PNLD Campo. Foucauldian theorizations about discourse analyses support the description and analysis of a set of sent that affect a body as female cultural performance. The excerpts images, activities and exercises brought replicate stylized practices that inscribe the mother-subject through discursivities directed to a body with a specific gender target: the female. Thus, the data showed that the mathematics curriculum materializes well elaborated narratives that use the contents of this school discipline in order to replicate and constitute a set of values and moralities with a substantial status of truth that guide the modes of being and acting of the body that is seen and seen as female.

Keywords: Mother-subject; Mathematics textbooks; PNLD Campo.

Introdução

(...) mulher nasce para ser mãe (...) me preocupo com a ausência da mulher de casa. (...) Costumo brincar como eu gostaria de estar em casa toda a tarde, numa rede, e meu marido ralando muito, muito, muito para me sustentar e me encher de joias e presentes. Esse seria *o padrão ideal da sociedade*¹. (Damares Alves², em dezembro de 2018).

Ainda hoje, em 2019, a pauta do feminino amalgamada à maternidade tem forte apelo social e político, tal como a epígrafe explícita. A plenitude do feminino alcançada pela maternidade e a passividade como característica fundante desse sujeito, entre outras enunciações, compõem narrativas que perpassam corpos suscetíveis a essas ingerências: o sujeito-mãe.

Sendo o corpo [da mulher]³ entendido como a matéria atravessada e composta por processos de subjetivação, moldado dicotomicamente por meio do masculino e do feminino como tecnologias de diferenciação que devem ser facilmente reconhecidas⁴ por todos e que acabam por organizar a sociedade como um todo, o presente artigo investiga a produção dessa função social atribuída ao feminino em livros didáticos de matemática. Compreende-se que as noções de gênero são uma

das categorias constituintes do sujeito (BUTLER, 2010), em que os corpos são posicionados para “performarem” ou seja, executarem determinadas práticas estilizadas a eles ensinadas ao longo de toda sua vida, de acordo com um suposto sexo biológico.

A intenção é descrever e analisar as práticas que são fixadas no corpo que se pressupõe feminino, narradas como intrínsecas da natureza biológica.

Importante destacar que, em oposição a uma compreensão biológica dos sexos (LAQUEUR, 1990), entende-se o masculino e o feminino como signos construídos discursivamente (RICHARD, 1996), sustentados por um conjunto de enunciados para projetar sobre os corpos práticas sociais.

O objetivo torna-se, então, lançar luz sobre a produção de subjetividades que acabam por constituir o que se optou por aqui nomear de “sujeito-mãe”. A constituição do “sujeito-mãe” já foi analisada em Marcello (2004), em estudo que tomou um conjunto de materiais midiáticos impressos no Brasil. Contudo, esse trabalho não abordava a dimensão da subjetividade em espaços em que a maternidade não é o foco, como nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola do campo ou com recorte sobre os livros didáticos de matemática.

O perquirir sobre o livro didático como elemento do currículo de matemática escolar e produtor de práticas de subjetividade que disciplinam os corpos dá o tom da presente investigação. Defende-se aqui que os currículos de matemática não escapam a essa prescrição e agem efetivamente na elaboração, propagação e repetição de práticas estilizadas de gestos, atos e atuações que mapeiam os corpos femininos e ainda fornecem justificações potentes acerca das práticas que descrevem. Os conteúdos da matemática escolar justificam, reforçam e validam as enunciações que não alcançariam status de verdade não fosse a relevância deste tipo de conhecimento na atualidade, a exemplo do que Brown (2015, p. 25) preceitua. O exercício é pensar de que modos a matemática escolar é articulada a fim de manejar os corpos, produzindo subjetividades por meio de atributos morais. Em suma, interessa entender a matemática escolar como política cultural (VALERO, 2018, p. 107) com enfoque na questão de gênero.

Nos materiais analisados, os sistemas de imagens e representações que circundam o feminino tecem uma lógica discursiva que expõe as práticas desejáveis sobre o “ser feminino”, repercutindo no que se entende sobre o “ser maternal”, expondo ora explicitamente as práticas desejáveis, ora apagando o não desejado. Assume-se que tal apagamento de outras formas de ser e agir é constituidor, também ele, de subjetividades.

Vale registrar que este artigo é parte de um trabalho de investigação maior, cujo objetivo é analisar duas coleções de livros didáticos de matemática (manual do professor), voltadas para os anos iniciais do Ensino Fundamental (EF), no bojo do Programa Nacional do Livro Didático para o Campo (PNLD Campo). Essas coleções são compostas de cinco livros cada uma, adotados nas escolas públicas do campo no Brasil no período que compreende os anos de 2013 a 2018, a fim de descrever as noções sobre o sujeito desejável no contexto do campo. Esses livros aparecem na esteira de uma série de outras políticas públicas que visavam dar atenção específica à população que habita o campo e às demandas elencadas, em boa parte, por movimentos sociais que atuavam em conjunto com a população do campo (FERNANDES, 2014).

Como o material em análise foi produzido para os anos iniciais do EF, as ilustrações e personagens coloridos, animados ou familiares são elementos recorrentes, sugerindo uma tentativa de capturar a atenção e o engajamento no aprendizado (no caso de conteúdos da matemática escolar) dos alunos por meio de abordagem supostamente contextualizada que considera, também, os aspectos da vida no campo, dando, assim, a tônica das estratégias de apresentação de atividades no material.

Desse modo, a questão que conduz a produção deste artigo é: de que modo os endereçamentos acerca da constituição do sujeito-mãe são mobilizados no material didático produzido especificamente para a educação do campo no Brasil?

Importante destacar que a noção de corpo, diversas vezes trazida ao longo da presente discussão, alinha-se ao entendido por Butler (2010), de que não se trata simplesmente de uma entidade passiva e preenchida unicamente por “um conjunto de significados culturais (...) externamente relacionados” (BUTLER, 2010, p. 27). O corpo

está constantemente em construção, sendo reelaborado, atravessado e resistindo às investidas das marcas subjetivantes, inclusive as de gênero. Nesse sentido, a análise aqui produzida descreve e analisa as narrativas que afetam esse corpo. Todavia, apesar de toda performance endereçada buscar amparo em noções robustas de verdade, na racionalidade em que opera o biopoder ela não é compulsória. Essa forma de poder é, assim, caracterizada “(...) pela crescente organização da população e seu bem-estar, visando o aumento da força e da produtividade” (RABINOW; DREYFUS, 1995, p. 8). Em outros termos, os sujeitos são afetados pelo convencimento; a condução das condutas se dá pelo entendimento do que é o bem comum e individual.

Desse modo, o exercício também é o de explorar o papel dos currículos de matemática na mencionada construção. Explicitados esses elementos, apresentam-se alguns componentes das teorizações adotadas, seguindo-se a descrição dos procedimentos metodológicos para, finalmente, considerarem-se as análises referentes aos dados tratados.

Teorizações

As teorizações que balizam a investigação alinham-se a uma compreensão de currículo de matemática como *constituente de*, bem como *constituído por* práticas discursivas alimentadas de um conjunto de tecnologias de governo que repercutem na “(...) vida cotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, designa-os por sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que lhes é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer nele” (FOUCAULT, 2014, p. 123), ou seja, é [mais] um espaço, no sentido atribuído por Silva (2010), no qual a posição de *sujeito* é incorporada: “aquilo que está inscrito no currículo não é apenas informação – a organização do conhecimento corporifica formas particulares de agir, sentir, falar e ‘ver’ o mundo e o ‘eu’.” (POPKEWITZ, 2011, p. 174).

Portanto, o currículo de matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental no campo opera não somente para coadjuvar nos processos de subjetivação, mas também para justificar e ratificar tais práticas, afinal, compreende-se que “(...) o

conhecimento é efeito de uma formação discursiva primariamente linguística, isto é, um conjunto de regras fundamentais que definem o espaço discursivo em que o sujeito existe” (WALSHAW, 2016, p. 43) e no qual ele é constituído.

Desse modo, o feminino é posicionado a partir dessas dinâmicas em todos os espaços sociais, inclusive em livros de matemática da educação do campo. Isso ocorre porque, ao se assumir que o gênero é construído por meio de práticas regulatórias (BUTLER, 2010), entende-se, do mesmo modo, que o currículo de matemática como política cultural produz subjetivações que igualmente constituem esse corpo: todo espaço é formativo.

Adverte-se, no entanto, que não se pressupõe que o currículo de matemática – mesmo obrigatório para todas as crianças em idade escolar, no Brasil – aja de forma compulsória na produção de subjetividades. A questão fundamental é que o conjunto de práticas discursivas e não discursivas sustentam, elegem e organizam narrativas que descrevem maneiras de ser e agir no mundo, permitindo que o indivíduo se objetive, se compare, se meça, se enxergue, se espelhe, se adeque e se subjetive.

Entende-se, portanto, esses currículos como parte do rol de requisitos que asseguram o [re]posicionamento dos “(...) sujeitos como cidadãos para que eles possam ser governados” (GALLO, 2017, p. 77), e, como são dotados de um apelo fortemente ligado às aspirações atuais de desenvolvimento social e econômico, “(...) transformam as crianças em cidadãos valiosos ou leais no quadro ou no sistema de valores culturais dos respectivos Estados-Nação” (TRÖHLER, 2016, p. 282) ao mesmo tempo em que produzem processos de exclusão a fim de posicionar aqueles que não são “valiosos”.

Essa afirmação pode soar perturbadora, afinal, seria mais tranquilizador pensar o conhecimento escolar agindo para o desenvolvimento humano e social (POPKEWITZ, 2018); todavia, como uma alquimia, “os currículos escolares (de matemática inclusive) vêm se configurando, historicamente, como um conjunto de procedimentos para a constituição de um tipo de pessoa” (*ibid.*, p. 78). Com efeito, o estudante inserido e circunscrito ao espaço escolar sofre nele um tipo de assimilação do grupo social: “insidiosamente, ele recebeu os valores dessa sociedade. Ele recebeu modelos de conduta socialmente desejáveis, formas de ambição, elementos

de um comportamento político, de modo que esse ritual de exclusão termina por tomar a forma de uma inclusão (...)" (FOUCAULT, 2015, p. 14). Isso ocorre seja na educação escolar obrigatória seja na universidade de que Foucault trata no texto do qual se extraiu o excerto supracitado.

Como política cultural, as investigações que pensam a educação matemática nesse sentido compreendem o currículo de matemática escolar para além dos processos de ensino e de aprendizagem de seus conteúdos, mas como um conjunto de práticas inseridas em uma lógica que produz subjetivações: "(...) a educação matemática é política porque a constituição histórica do conhecimento e as práticas associadas emergiram e fazem parte das classificações e organizações que regulam a vida social e, dentro delas, noções de quem as pessoas são e deveriam ser." (VALERO, 2018, p. 108)

Nesse sentido, ainda que exista um tipo de "aura" ou herança (histórica e culturalmente produzida) de objetivação por meio dos processos de ensino e aprendizagem da matemática escolar, ao se considerar o livro didático como uma ferramenta central nesse processo (FAN; ZHU; MIAO, 2013), denota-se que práticas de subjetivação atravessam esse material. Sem que haja coerção, o "(...) sujeito se liga à sua própria identidade pela consciência ou pelo conhecimento de si" (FOUCAULT, 2014, p. 123), ou seja, as práticas de subjetivação são fixadas muito mais por táticas de condução de condutas, por um exercício de simetria, em que o indivíduo necessita se enxergar e se reconhecer para se posicionar no mundo e, no caso específico das táticas que agem sobre os corpos femininos, por meio de rituais e práticas estilizadas que normalizam as funções sociais 'generificadas'.

O sujeito-mãe será descrito como imbuído de uma série de características que o ligam a função social atribuída à maternidade. As primeiras notícias de entendimento da maternidade como uma construção social vêm da publicação de "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir (2009), que, no Pós-Guerra, começa a compreender a maternidade como categoria designadora dos lugares possíveis às mulheres nos âmbitos sociais e familiares. E essas questões balizaram as problematizações do movimento feminista da época com repercussão nos dias atuais:

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

a crítica feminista considerava a experiência da maternidade como um elemento-chave para explicar a dominação de um sexo sobre outro: o lugar das mulheres na reprodução biológica – gestação, parto, amamentação e consequentes cuidados com as crianças – determinava a ausência das mulheres no espaço público, confinando-as ao espaço privado e à dominação masculina. (SCANOVE, 2001, p. 138)

Portanto, com base em uma análise contemporânea que toma as temáticas de gênero como balizadora para investigações político-sociais, interrogam-se as condutas maternas que perpassam o currículo de matemática dos anos iniciais do campo.

Procedimentos Metodológicos

O material analisado é constituído, como já mencionado, por dez livros de matemática que fazem parte de duas coleções aprovadas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em sua versão para os territórios rurais do país (PNLD Campo)⁵, no edital de 2016 (BRASIL, 2016).

Para as análises, foram tomadas imagens, textos, atividades, tarefas e orientações para os professores acerca de como abordar os conteúdos. Esses elementos são constituídos e constituintes de práticas discursivas que operam em todas as esferas da sociedade e formam, sistematicamente, os objetos de que falam (FOUCAULT, 2004). Importante destacar que os materiais analisados são os livros do professor, que contêm instruções de uso e desenvolvimento das atividades, sendo essas orientações também espaço onde se produz investigação. Os dados foram selecionados a fim de expressar e descrever o que se resolveu nomear de ‘sujeito-mãe’.

Para o procedimento analítico, optou-se por construir duas codificações principais: uma denominada “mãe”, que marca as referências explícitas a esse papel do feminino – todas as vezes em que havia a palavra “mãe” nos livros didáticos (a frequência com que esse termo apareceu foi de 52 menções ao longo do material), as posições e marcas ligadas a essa representação foram perscrutadas; e a outra nomeada “maternal”, com 111 excertos associados a esse código. Neste último, foram selecionadas atribuições e práticas estilizadas e remetidas sempre a corpos femininos. Foram, ainda, sistematizadas algumas marcas, que serão mais bem

exploradas no processo analítico, tais como: afeto, segurança, gestão, justiça, entre outras. Destaca-se que nem todas as referências ao “maternal” estavam explicitamente anunciadas com uma referência a “mãe”, todavia, elas sempre foram destacadas, pois remetiam ao feminino.

Outro código elaborado no processo analítico do trabalho maior em desenvolvimento, foi o “aprender matemática”, que se revelou importante para destacar as menções que definitivamente intersectavam os conteúdos e as práticas discursivas associadas ao sujeito-mãe; foram 85 as ocorrências simultâneas ao código “maternal” e ao “aprender matemática”. Nestes casos, o exercício de análise pretende evidenciar as maneiras pelas quais o conhecimento matemático é articulado a fim de ratificar e estabilizar o que é “verdade”, o que é “normal”, o que é esperado do “sujeito-mãe”. Em outros momentos, o sujeito-mãe aparecia somente para ilustrar ou compor alguma cena no livro, não anunciadamente engajado em “ensinar matemática” aos leitores, apesar de não deixar de sê-lo, já que estavam no livro didático de matemática.

Na próxima seção, serão trazidos alguns excertos que ilustram os principais marcos discursivos catalogados e analisados neste material.

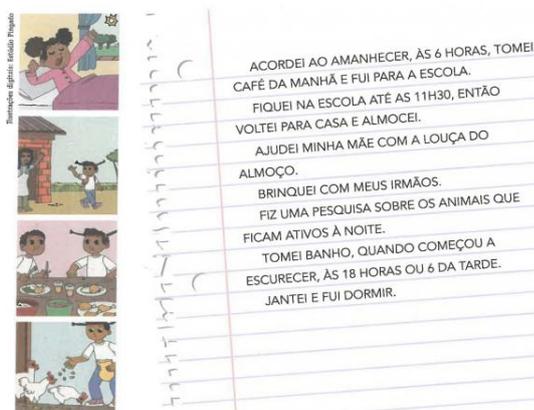
Análises

Entender o currículo como práticas subjetivantes (KROEF, 2001) implica assumir sua potência para produzir, moldar e fortalecer as marcas identitárias de gênero, fortemente atreladas a um discurso biológico que clama pelo natural e instintivo para circunscrever acerca do ser feminino. Para as análises não há uma intenção primeira de construir um tipo de exercício comparativo a partir do entendimento do ser masculino e do ser feminino, todavia, por vezes, o contraste proporcionado pelas atribuições sociais binárias e heteronormativas será destacado para que se possa fomentar as argumentações acerca desse sujeito-mãe, considerando que “não podemos compreender a maternidade sem abordar a paternidade, a mãe sem o pai, no sentido biológico e social do termo” (SCANOVE, 2001, p. 142).

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

Paechter (2009) realiza uma importante análise acerca da construção das feminilidades no ambiente escolar, sendo este, de acordo com a autora, um lugar fundamental na construção dessa identidade que incide sobre a infância. Afinal, nos anos iniciais do Ensino Fundamental também se ensinam feminilidades, o que implica aprender, também, a ser maternal. “Ajudar a mamãe”, por exemplo, aparece como uma enunciação ligada recorrentemente ao uso da atribuição do ser “mãe”:

Figura 1 - Atividade de administração do tempo



Fonte: Gomes et al. (2014a, p. 135).

Na figura 1, para abordar o conteúdo de grandeza de tempo, Aninha descreve sua rotina. A partir deste exemplo, os estudantes são convidados a “fazer como Aninha” e elencar suas atividades ao longo do dia conduzindo-os à reflexão acerca da administração do tempo ao “reconhecer hábitos comuns ao modo de vida (...) humano, de acordo com o momento do dia.” (GOMES et al., 2014a, p. 265).

É certo que as condutas estão sendo ajustadas a uma lógica de vida e trabalho em que o enquadramento dos indivíduos é regido por noções de controle e de eficiência, tal como já identificaram Souza e Oliveira (2018), ao problematizar “(...) a grandeza de medida de tempo como uma tecnologia política do corpo” (p. 11). Além disso, entre as atividades realizadas por Aninha, “ajudar a mãe com a louça do almoço” é uma tarefa que merece ser lembrada. Neste excerto, as noções de cooperação com as obrigações domésticas fornecem um indicativo de que os valores

que atravessam o material contribuem para fortalecer no estudante (feminino) noções de uma justa relação e atribuições no âmbito familiar: 'seja prestativa, ajude sua mãe'. Ao mesmo tempo, seja organizada, elabore um cronograma de atividades e seja produtiva e eficiente dentro dele.

Todavia, é necessário destacar que Aninha, corpo feminino, ajuda a mãe, outro corpo feminino, sendo esta a real e efetiva responsável por executar a atividade doméstica. A mensagem edificadora para a formação sólida do caráter e compreensão de mundo na infância acaba por ocultar uma marca profunda da tradicional divisão sexual do trabalho, que atribui, mais enfaticamente, ao feminino as responsabilidades domésticas. Nesse sentido, o conteúdo de grandeza de tempo age de modo a distribuir as subjetividades aos corpos, por exemplo, as responsabilidades domésticas, entre outras, como ilustrado na Figura 1.

É recorrente nesses materiais a incumbência da gestão doméstica e familiar (especialmente no que concerne aos cuidados com a infância) a um único corpo: o feminino. Já enquanto exercendo atividades remuneradas, os personagens femininos (fora do circunscrito doméstico/familiar) são posicionados como costureira, professora, atendente, médica, entre outras majoritariamente relacionadas a cuidados com o outro. Como agricultoras, são classificadas, por exemplo, em poucas situações (há sete menções a essa atividade se referindo ao feminino, enquanto há outras 34 referências a homens agricultores). Tal disparidade de representação vai de encontro com a forjada proposta de justiça social da qual emanam as coleções, visto que se mobiliza para pensar que,

(...) questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana. (GOMES et al. 2014a, p. 226).

Significa dizer que as práticas de agricultura familiar (mais igualitárias na divisão sexual e organização social do trabalho) são fundadas em contraposição à lógica do agronegócio, abertamente apregoada nos livros didáticos (menos igualitária). Tal contraposição, contudo, não é explicitada no cenário dos materiais didáticos produzidos para essa população. O material, assim, visa, de forma

contraditória, conciliar as duas bases para atender aos editais do PNLD, ao tempo em que acaba por reproduzir uma racionalidade neoliberal que governa os sujeitos, tal como abordou Santos (2019). Essa disparidade de atribuições de trabalho às mulheres foi abordada nos resultados obtidos pelas pesquisas de Hall (2003) e Hall e Mogyorody (2007), no Canadá. De acordo com este estudo, em famílias nas quais havia uma consciência de classe e produção agroecológica, as posições e os espaços ocupados pelas mulheres tendiam a ser mais igualitários em relação às decisões tanto no contexto do trabalho no campo quanto no interior dos lares – o que não é adequadamente explorado pelos livros didáticos de matemática (importante destacar que essa análise foi realizada com produtores heterossexuais), em contraste com o que ocorreu quando a investigação foi realizada com produtores que trabalhavam com a lógica do agronegócio.

A disciplina e a divisão de tarefas, na análise de Foucault acerca do poder disciplinar, ainda têm implicação sobre as relações de poder que incidem sobre os corpos, pois elas os tornam mais produtivos e dóceis. Tanto que o trabalho doméstico, ao ser considerado de natureza fundamentalmente feminina (ROMITO, 1997), é ignorado em suas onerações sociais, ocultando os custos físicos e mentais que acarretam para os corpos femininos, afinal, “o trabalho doméstico é entendido como parte do ser mulher” (HILLESHEIM, 2004, p. 46). E, nesse sentido, a mãe de Júlio exerce perfeitamente sua função:

Figura 2 – Atividade de medida

1. Na casa de Júlio, há um pomar de acerola. Depois de um dia inteiro de trabalho, sua mãe fez um suco para eles se refrescarem. Veja como ela pode repartir igualmente todo o conteúdo de 1 jarra do suco de acerola.

Acerola é uma fruta rica em vitamina C, vitamina A, ferro, cálcio e vitaminas do complexo B. A aceroleira é uma planta originária das Antilhas.

Desenhe abaixo quantas e quantos ela deve usar para repartir igualmente o conteúdo do suco de acerola de duas jarras.

4 canecas

8 copos

Fonte: Bonjorno; Bonjorno; Gusmão (2014c, p. 16).

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

A mãe de Júlio (na figura 2 acima), mesmo cansada após uma longa jornada de trabalho ao lado do filho, aparentemente, prepara o refresco (para si e para Júlio), em uma segunda jornada de atribuições. Ela ainda necessita ser exata e dividir o suco igualmente. Desse modo, seu conhecimento matemático possibilitará que ela ainda seja justa, o que se espera de uma mãe.

Somente de posse de noções básicas de divisão é que a “mãe de Júlio” terá condições de exercer sua intrínseca função de garantir a justiça e harmonia no lar, a despeito de suas próprias afetações físicas causadas pela recém-iniciada segunda (quicá terceira) atividade do dia: a mãe é um ser justo e incansável, sempre pronta a satisfazer as necessidades de sua família de forma eficaz e precisa, mais ainda de posse de noções de grandezas e aritmética.

Em relação às características ligadas ao materno, a afetuosidade é outra atribuição marcada reiteradamente como intrínseca ao feminino: as mães são a corporificação da devoção para com o próximo. São fonte de cuidado, atenção e segurança inabalável em relação ao outro, tal como pode ser exemplificado na Figura 3 em que “a conexão com a matemática é feita a partir da proposta de uso atento dos sentidos na modelagem” (GOMES et al., 2014a, p. 269).

Figura 3 – Atividade de localização

RODA DE CONVERSA

VAMOS OBSERVAR AS CENAS NOS QUADRINHOS E REPARAR COMO OS PERSONAGENS PERCEBEM AS SITUAÇÕES. VEJA A FESTA JUNINA.



Resumo que o sentido da atividade é usado para perceber a situação, que a visão é estimulada pelas cores da festa, que o paladar está presente na apreciação das comidas. Destaque cada um desses aspectos para as várias situações a estudar os órgãos dos sentidos humanos.

PODEMOS FICAR MUITO PERTO DE UMA FOGUEIRA?

Fonte: Gomes et al. (2014a, p. 143).

Note-se que há dois homens adultos em volta da fogueira: um deles anima a festa junina ao som de uma sanfona, enquanto o outro se delicia com o que parece ser um cachorro-quente, ambos com aparência despreocupada, numa cena que sugere a movimentação característica dessas festividades. O segundo indivíduo está posicionado precisamente ao lado de uma criança que executa as mesmas ações: alimenta-se e observa a agitação pitoresca.

Com um comportamento marcadamente oposto, as personagens femininas aparentam estar mais atentas, até mesmo preocupadas. Embora uma delas, supostamente, aprecie a fogueira, garante, ao mesmo tempo, que a criança que a acompanha se mantenha ao seu lado, pois a segura firmemente pelas mãos. A outra se posiciona de modo a escoltar a criança dos perigos impostos pela fogueira. Esta última, aliás, sugere sequer estar usufruindo das festividades devido aos necessários cuidados para com a criança sob sua responsabilidade. Afinal, o sujeito-mãe precisa estar sempre alerta, gerindo e se antecipando a possíveis rompantes da infância. Além disso, também necessita ter uma noção apurada de localização espacial, afinal, ela deve ter condições de avaliar e de antever as possíveis situações de perigo. Os posicionamentos dos indivíduos marcadamente opostos sugerem que ao masculino é concedida a possibilidade de usufruir tranquila e despreocupadamente as festividades.

Já na figura 4, lança-se mão de atividades que, manifestadamente, buscam abordar o desenvolvimento da “leitura de números”. Para tanto, faz-se uso de uma famosa cantiga infantil:

domésticas (lavar a roupa, que aqui se alinha às categorias do trabalho e da gestão do lar) e ter uma idade “adequada” (vinte e cinco anos). E a última afirmação é tomada exatamente para explorar um elemento (conteúdo) compulsório do currículo escolar.

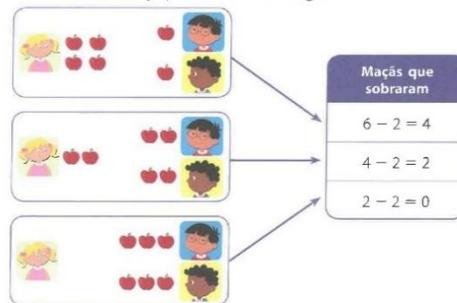
Já na atividade expressa na Figura 5, Gabriela, uma delicada, gentil e justa (como deve ser o feminino) menina, decide usar o conteúdo de divisão para distribuir maçãs de seu pomar entre seus dois amigos.

Figura 5 – Atividade de divisão

3. Gabriela colheu 6 maçãs de seu pomar e distribuiu igualmente em 2 amigos. Quantas maçãs recebeu cada amigo?



Gabriela deu uma maçã por vez a cada amigo.



Esta atividade trabalha a ideia de repartir em partes iguais da divisão.

Cada amigo de Gabriela recebeu 3 maçãs.
6 dividido por 2 é igual a 3.
 $6 : 2 = 3$

O sinal : é usado para indicar a divisão.



Fonte: Bonjorno; Bonjorno; Gusmão (2014b, p. 3)

Não se sabe se Gabriela possuía mais frutas em seu pomar. O fato é que, altruísta, a menina fica sem nenhuma das seis maçãs, mesmo que a divisão do número natural 6 em três partes (Gabriela e seus amigos) resultasse em duas frutas para cada um, ou seja, um resultado que pertence ao conjunto dos números naturais e é adequado para o nível de ensino em questão. Mesmo assim, só os garotos recebem todas as frutas, e, ressalta-se: igualmente! Afinal, Gabriela é justa e a divisão

de números naturais (múltiplos entre si) garante isso: ela não precisa ter, também, uma maçã para si.

Em suma, Gabriela faz uso de seus conhecimentos aritméticos para se manter abnegada.

Em continuidade à exposição dos elementos catalogados, a Figura 6 marca uma das mais recorrentes personagens com atribuições maternais em uma das coleções analisadas: Maria Sol.

Figura 6 – Personagens



Fonte: Bonjorno; Bonjorno; Gusmão (2014a, p. 3).

A personagem é uma flor antropomorfizada que percorre, reiteradamente, todos os cinco livros de uma das coleções analisadas. Sua função, nesse material, é cuidar para que as atividades sejam realizadas da maneira mais adequada possível, sempre “ao seu lado” [do estudante], dele cuidando.

Essa ocupação contrasta com a de outro personagem, também antropomorfizado, que é posicionado como parceiro de “Maria Sol”, mas sem que se relacionem, efetivamente, ao longo de todas as suas aparições.

Esse personagem, “Zé Sabiá”, que pode ser visto na Figura 6, exerce uma função diametralmente oposta no material: como personagem masculino, Zé Sabiá é experiente, explorador de outros ambientes, cosmopolita, livre e, como o próprio nome sugere, sábio. Sua função é contar aos estudantes sobre suas aventuras ao redor do mundo e sobre tudo o que aprendeu em suas viagens.

Maria Sol, uma delicada, passiva, atenta, formosa e frágil flor, exerce a fundamental prática de se ocupar do outro, uma atribuição maternal recorrente nos materiais analisados. Na perspectiva foucaultiana, cuidar de si e do outro está ligado a um conjunto de práticas que pressupõe a necessidade de que cada uma das peças da engrenagem social vigente se movimente adequadamente de modo a produzir corpos adaptáveis e capazes de se posicionar flexiva, inteligível e produtivamente para executar suas funções, ou seja, produzem-se sujeitos, no caso, o sujeito-mãe.

Entende-se que ambos os personagens têm como função executar o que Friedrich (2010, p. 661) denominou “dispositivo pedagógico”, que opera “(...) como parte do regime da verdade que dita o que é real e o que não é, o que é verdadeiro e o que é falso, no processo de transmissão intencional de conjuntos de valores, conhecimentos e comportamentos entre sujeitos que é chamado educação”: eles capturam a atenção e a afeição dos estudantes, transmitem mensagens convenientes relacionadas aos conteúdos previstos no currículo, ao mesmo tempo em que disseminam uma série de atributos e atribuições culturalmente produzidos e direcionados aos corpos femininos, alimentando a constituição do sujeito- mãe. Maria Sol, portanto, é uma figura maternal.

O sujeito-mãe, além de estar ligado a um conjunto de características denominadas “maternais”, necessita sacar conhecimentos relacionados à matemática escolar para que possa exercer sua função social de forma efetiva. As operações aritméticas, por exemplo, são essenciais para a gestão do lar e da família, atribuições do corpo feminino, como pode ser observado. Simultaneamente, a grandeza de tempo se associa ao sujeito da mesma forma: garantindo a administração das tarefas diuturnamente atribuídas a esse corpo. A precisão e a localização espacial também são tipos de conhecimentos fundamentais para que se possa manter a ordem, a justiça e a segurança de todos. Todos esses conhecimentos são mobilizados e permitem que o sujeito-mãe tome decisões assertivas e eficientes, sem que deixe de exercer suas qualidades intrínsecas de competente gestora do lar, incansável cuidadora e facilitadora das atividades cotidianas da família, visionária acerca dos riscos potenciais, ajustada às regulações sociais, entre outras características.

Para este trabalho, apenas alguns exemplos foram destacados a fim de que pudessem amparar a argumentação empreendida. Muitos outros elementos, mesmo não sendo aqui expostos, ratificam as interpretações apresentadas. Fundamentalmente, o sujeito-mãe é um corpo que recebe atribuições necessariamente relacionadas à família e ao cuidado com o outro e é, irrevogavelmente, relacionado ao feminino.

Considerações Finais

Com base em uma análise que assume teorizações contemporâneas, entre elas as temáticas de gênero, para balizar investigações político-sociais, interrogaram-se as condutas dos corpos femininos nos livros de matemática dos anos iniciais do Ensino Fundamental no campo a partir do que se denominou “sujeito-mãe”. Dos exemplos que emergiram do processo analítico, é possível elaborar a questão: o que se aprende, também, quando se supõe estar ensinando/aprendendo, apenas matemática? E uma resposta encontrada nesta investigação é: aprende-se a ser maternal!

Foi evidenciado por meio dos excertos destacados que estes se ligam a um conjunto de práticas que se fixam como construção de noções acerca do sujeito-mãe que molda e configura os corpos. Portanto, afirma-se que a educação é uma forma de governo e de fabricação de tipos específicos de pessoas, que se vinculam inexoravelmente à lógica neoliberal vigente, inclusive no campo, visto que “(...) os princípios do mercado enquadram todas as esperas e atividades, desde a maternidade até o acasalamento (...)” (BROWN, 2015, p. 67).

Neste estudo, isso significa dizer que na lógica de mercado, incorporada a uma lógica de vida, as atribuições do sujeito-mãe, irrevogáveis e, alegadamente, de natureza feminina necessitam ser marcadas, exploradas e, efetivamente, aprendidas, enquanto (ao mesmo tempo) se aprende matemática em uma escola do campo, no Brasil, mesmo porque “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (FOUCAULT, 2004, p. 44). No caso dos exemplos expostos, aprender

matemática também possibilita portar ferramentas que não só potencializam como possibilitam a execução das práticas que compõem o sujeito-mãe. O conhecimento matemático é fundamental para o corpo feminino operar como justo, eficiente, organizado e normal.

Nesse sentido, lançar luz sobre as tecnologias de diferenciação operadas por meio desses livros didáticos sobre o feminino permite destacar práticas discursivas de estilização que acabam por objetivar esses corpos e nelas inscrevê-los a partir de táticas de poder que normalizam condutas do feminino.

Tais condutas atribuem a esse corpo feminino todo um grande propósito e um ininterrupto investimento em modos de ser e agir como sujeito-mãe, que o compõe como sujeitos de visibilidade e enunciação, em que o indivíduo, posicionado como feminino, constitui-se a partir de um conjunto de regras, de gramáticas específicas. Assim, ele aprende a operar seus corpos, seus gestos, suas ações dentro de um espectro restrito de possibilidades, ratificadas por conhecimentos específicos, a fim de que possam buscar, ininterruptamente, o *padrão de vida ideal* para a sociedade, conforme definiu a ministra.

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONJORNO, J. R.; BONJORNO, R. F. A.; GUSMÃO, T. C. R. S. **Novo girassol: saberes e fazeres do campo**. Alfabetização matemática – 1º Ano. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2014a.

BONJORNO, J. R.; BONJORNO, R. F. A.; GUSMÃO, T. C. R. S. **Novo girassol: saberes e fazeres do campo**. Alfabetização matemática – 2º ano. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2014b.

BONJORNO, J. R.; BONJORNO, R. F. A.; GUSMÃO, T. C. R. S. **Novo girassol: saberes e fazeres do campo**. Alfabetização matemática – 3º ano. 1. ed. São Paulo: FTD, 2014c.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Edital de Convocação (05/2011 – CGPLI) para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo 2013). Brasília: MEC, 2013.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

BRASIL. Edital de Convocação (04/2014 – CGPLI) para o Processo de Inscrição e Avaliação de Obras Didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo 2016). Brasília: MEC, 2016.

BROWN, Wendy. **Undoing the demos: Neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ESMONDE, Indigo. *Snips and snails and puppy dogs' tails: genderism and mathematics education*. **For the Learning of Mathematics**, v. 31, n. 2, 2011.

FAN, Lianghuo; ZHU, Yan; MIAO, Zhenzhen. (2013). *Textbook research in mathematics education: development status and directions*. **ZDM**, 45(5), 633-646, doi:10.1007/s11858-013-0539-x, 2013.

FERNANDES, Ivana Leila. *A construção de políticas públicas de educação do campo através das lutas dos movimentos sociais*. **Revista Lugares de Educação**, v. 4, n. 8, p. 125-135, jan./jun., 2014.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2014.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: estratégia, poder-saber**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2015.

FRIEDRICH, Daniel. *Historical consciousness as a pedagogical device in the production of the responsible citizen*. **Discourse: Studies in the Cultural Politics of Education**. 31:5, 649-663, 2010.

GALLO, Sílvio. *Biopolítica e subjetividade: resistência?*. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 77-94, out./dez. 2017.

GOMES, L. B. et al. **Alfabetização Matemática e Ciências – 2º Ano**. Coleção Campo Aberto. São Paulo: Global Editora, 2014a.

GOMES, L. B. et al. **Alfabetização Matemática e Ciências – 3º Ano**. Coleção Campo Aberto. São Paulo: Global Editora, 2014b.

KROEF, Ada Beatriz Gallicchio. *Interceptando currículos: produzindo novas subjetividades*. In: **Educação e Realidade**. 26 (1), 2001.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

HALL, Allan. “*Canadian Agricultural Policy: Liberal, Global and Sustainable.*”. In: **Fight for the Farm: Rural America Transformed**, edited by J. Adams. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press, 2003.

HALL, Allan; MOGYORODY, Veronika. *Organic Farming, Gender, and the Labor Process*. In: **Rural Sociology**. 72(2), pp. 289–316, 2007.

HILLESHEIM, Betina. *Trabalho doméstico: “O serviço de sempre”*. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues; **Gênero e Cultura: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LAQUEUR, Thomas Walter. **Making sex: Body and gender from the Greeks to Freud**. Harvard University Press, 1990.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. *O conceito de dispositivo em Foucault: mídia e produção agonística de sujeitos-maternos*. In: **Educação & Realidade**. 29(1), 2004.

MORAES, Elise Helene Moutinho Bernardo de. **Representações de Gênero em Livros Didáticos: Imagens e Seus Sentidos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Chapecó/SC, 2015.

MORANDO, André. *As prescrições para ser uma ‘boa mãe’: a cientifização da maternidade na década de 1930*. **Anais... 7º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 4º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação (SBECE/SIECE)**. Canoas/RS, 2017.

PACHECO, Joice Oliveira. *Canções infantis: lazer e pedagogia heteronormativa na Educação Infantil*. **Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder**, 2008, Florianópolis/SC. **Fazendo Gênero 8: Corpo, Violência e Poder**, 2008.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

PEÑALOZA, Gonzalo; VALERO, Paola. *Las ciencias naturales escolares y la fabricación del ciudadano católico en Colombia*. In: **Educação Unisinos**. 20(1):3-13, 2016.

POPKEWITZ, Thomas S. *História do currículo, regulação social e poder*. In: SILVA, T. T. (Org.). **O sujeito da educação: Estudos foucaultianos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

POPKEWITZ, Thomas S. *What Is ‘Really’ Taught As The Content of School Subjects?: Teaching School Subjects As An Alchemy*. In: **The High School Journal**, v. 101, n. 2, winter 2018, pp. 77-89, 2018.

ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/1984644438457>

RABINOW, Paul. DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica** (para muito além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

RICHARD, Nelly. *Feminismo, Experiencia y Representacion*. In: **Revista Iberoamericana**. Vol. LXII, Niums. 176-177, Julio-Diciembre. 1996.

ROMITO, Patrícia. Trabalho, maternidade e saúdes das mulheres: algumas notas metodológicas. In: OLIVEIRA, Eleonora Menicucci; SCAVONE, Lucila (Orgs.). **Trabalho, saúde e gênero na era da globalização**. Goiânia: AB, 1997. p. 65-79.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de; SCANOVE, Lucila (Orgs.). **Trabalho, saúde e gênero na era da globalização**. Goiânia: AB, 1997.

SANTOS, José Wilson dos. **Relações Saber-Poder: Discursos, Tensões e Estratégias que (Re)orientam a Constituição do Livro Didático de Matemática**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Campo Grande, 2019.

SCANOVE, Lucila. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*. In: **Cadernos Pagu** (16) 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010

SOUZA, Deise Maria Xavier de Barros; OLIVEIRA, Júlio César Gomes de. *A Grandeza de Tempo como uma Tecnologia Política do Corpo no Currículo de Matemática*. In: **Anais...** VII Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática. Foz do Iguaçu, 2018.

TRÖHLER, Daniel. *Curriculum history or the educational construction of Europe in the long nineteenth century*. In: **European Educational Research Journal**, Vol. 15(3) 279-297, 2016.

VALERO, Paola. *Human Capitals: School Mathematics and the Making of the Homus Oeconomicus*. In: **Journal of Urban Mathematics Education**, v. 11, n. 1&2, 2018.

WALKERDINE, Valerie. *O Raciocínio em Tempos Pós-Modernos* In: **Educação & Realidade**. 20 (2), 1995.

WALSHAW, Margaret; FREITAS, Elizabeth de. **Alternative Theoretical Frameworks for Mathematics Education Research**, Springer International Publishing Switzerland, 2016.

Correspondência

Vanessa Franco Neto — Universidade Federal de Mato Grosso do Sul — Centro de Ciências Humanas e Sociais, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Universitário, CEP 79070900, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)

Notas

¹Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/cotada-para-ministra-diz-que-mulher-nasce-para-ser-mae-infelizmente-tem-que-ir-para-mercado-de-trabalho-23272762>. Acesso em: 1 de dez. 2018.

² Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos a partir de 1º de janeiro de 2019.

³ Esmonde (2011) usa ‘macho’ e ‘fêmea’ para descrever características biológicas, enquanto homem e mulher como categorias sociais.

⁴ A ministra novamente pode ser tomada como exemplo, haja vista a polêmica do azul/rosa para meninos e meninas. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/menino-veste-azul-e-menina-veste-rosa-diz-damars.shtml>. Acesso em: 28 fev. 2019.

⁵ O PNLD Campo teve somente duas edições: 2013 e 2016. No ano de 2018, o governo federal anunciou que o programa havia sido cancelado por conta de remodelações na política educacional do país. Portanto, a partir de 2019, estes livros não mais serão disponibilizados para as escolas do campo do Brasil.